



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
Instituto de Letras – IL
Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

LIANNA ENELLY VIEIRA JORGE

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATERIAIS DIDÁTICOS:
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Brasília
2024

Lianna Enelly Vieira Jorge

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATERIAIS DIDÁTICOS:
Uma proposta de sequência didática para o 6º Ano do Ensino
Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras - Língua Portuguesa e
Respectiva Literatura, da Universidade
de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cíntia da Silva
Pacheco

**BRASÍLIA
2024**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
Instituto de Letras – IL
Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATERIAIS DIDÁTICOS: Uma
proposta de sequência didática para o 6º ano do Ensino Fundamental**

LINGUISTIC VARIATION IN TEACHING MATERIALS: A PROPOSAL FOR A
DIDACTIC SEQUENCE

Lianna Enelly Vieira Jorge*

Cíntia da Silva Pacheco**

Resumo:

O presente estudo tem como tema as variações linguísticas e o ensino da Língua Portuguesa. Os professores de Língua Portuguesa muitas vezes não mostram aos alunos o quanto o idioma materno pode ser dinâmico, restringindo-se ao ensino tradicional de gramática e do uso da norma padrão. No livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental 2, foi apresentada uma sequência didática que teve por objetivo promover a consciência sociolinguística e a reflexão sobre o uso da linguagem na sala de aula, tendo como fundamento as competências e habilidades previstas para o ensino de Língua Portuguesa nessa série, propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Também foi apresentada uma reflexão sobre os pontos positivos e negativos do livro didático e da própria BNCC, quando se trata do tema das variações linguísticas. O desenvolvimento da sequência didática proposta pode auxiliar no respeito dos alunos pelas variações linguísticas de outros lugares do Brasil, contribuindo para a redução ou eliminação do preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Preconceito linguístico. Ensino de Língua Portuguesa. Sequência didática. Material didático do 6º ano.

* Graduada do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, da Universidade de Brasília. E-mail: liannaenelly@gmail.com

** Orientadora, Doutora e Mestre em Linguística, Professora Adjunta no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB) e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB) pela Universidade de Brasília e docente do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, da Universidade de Brasília. E-mail: cintia.pacheco@unb.br

Abstract

The present study focuses on linguistic variations and the teaching of Portuguese. Portuguese language teachers often fail to show their students how dynamic their native language can be, restricting themselves to traditional grammar teaching and the use of standard norms. In the 6th grade textbook of Elementary School 2, a didactic sequence was presented that aimed to promote sociolinguistic awareness and reflection on the use of language in the classroom, based on the skills and abilities expected for teaching Portuguese in this grade, proposed in the National Common Curricular Base (BNCC). A reflection was also presented on the positive and negative points of the textbook and the BNCC itself, when it comes to the topic of linguistic variations. The development of the proposed didactic sequence can help students respect linguistic variations from other parts of Brazil, contributing to the reduction or elimination of linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic variations. Linguistic prejudice. Teaching Portuguese. Didactic sequence. 6th grade teaching material.

INTRODUÇÃO

Milhares de pessoas usam suas línguas vernaculares em suas comunidades e isso significa que sabem falar. No entanto, a questão a ser discutida é se falar corretamente é somente seguir as regras e normas de padrões gramaticais, aqueles aprendidos na escola. São inúmeros os grupos de falantes que falam de forma diferente e isso não significa que não tenham sua própria língua e que ela não seja adequada aos padrões gramaticais (Teles, 2017).

A linguagem é o lado individual da expressão oral de um povo, enquanto a língua representa o lado social, sendo, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido, inerente, sistemático e heterogêneo. A língua depende de cada indivíduo que a produz para ter existência e torna possível a comunicação e compreensão de uns pelos outros, a partir de um acervo lexical aproximadamente análogo, podendo ser culta ou popular e outras (Leite, 2010).

Cada grupo social tem sua maneira de falar, ou seja, uma língua própria. Quando essa língua se aproxima das regras da modalidade escrita é chamada norma culta. Se uma determinada parcela do grupo social decide que essa modalidade é a correta, tem-se a norma padrão, que supervaloriza a escrita,

em detrimento da fala, e considera as mudanças que ocorrem ao longo do tempo como deterioração e corrupção da língua. São equívocos que resultam em preconceito contra aqueles que não usam a norma padrão, ou seja, contra a língua popular (Bagno, 2007a).

Em se tratando de um país extenso como o Brasil, muitos brasileiros não tiveram a oportunidade nem de aprender a assinar o seu próprio nome, muito menos vir a falar em conformidade com os padrões gramaticais normativos. Variações linguísticas constituem o reflexo de diferenças sociais, relacionadas à origem geográfica e classe social e de circunstâncias da comunicação, sendo inerente às línguas naturais (Camacho, 2011).

A variação linguística é uma realidade no cotidiano das sociedades, incluindo a brasileira, mas está pouco presente no contexto escolar, especialmente nos livros didáticos. Como elementos de veiculação de temáticas e ideologias para o ensino, é importante explicitar que os livros didáticos praticamente não abordam o tema da variação linguística, pela falta de obras que orientem sobre Sociolinguística para autores e professores e pela falta de instrumentos de análise para pesquisadores da área de educação abordarem a língua como um fenômeno social. Essas falhas resultam em material didático que só leva em conta a norma padrão e não a realidade de comunicação vivenciada por alunos e professores na escola (Bagno, 2007b).

No que se refere ao Ensino Fundamental 2 (6º ao 9º ano), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda as variações linguísticas, a partir de competências como “demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, rejeitando preconceitos linguísticos” e habilidades como “respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos” ou “adequar o nível de formalidade da fala aos temas, contextos/situações e interlocutores”, que são específicas do ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental 2 (Brasil, 2018, p. 66 e p. 117).

Diante disso, os alunos precisam obter conhecimentos sobre as variações linguísticas, para que possam desenvolver essas habilidades, o que pode ser feito por meio da aplicação de uma sequência didática, ou seja, “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização

de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p. 18).

As sequências didáticas fogem ao tradicional modelo expositivo de ensino e levam em conta os conhecimentos prévios dos alunos, a significação e funcionalidade do conteúdo proposto, o nível de desenvolvimento individual dos alunos, a possibilidade real dos alunos realizarem o desafio proposto, a criação de zonas de desenvolvimento proximal, a realização de intervenções, a motivação, a estimulação da autoestima e do autoconceito, bem como a aquisição de habilidades (Zabala, 1998).

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é apresentar uma proposta de sequência didática para o desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos e atividades que promovam a consciência sociolinguística e a reflexão sobre o uso da linguagem na sala de aula. Esse objetivo deu origem à seguinte questão-chave: Que atividades podem ser desenvolvidas no 6º ano do Ensino Fundamental 2 para a promoção do respeito às variações linguísticas e rejeição do preconceito linguístico, pelos alunos, a partir do material didático usado em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa?

O estudo se justifica pelo fato de o material didático usado em sala de aula no 6º ano do Ensino Fundamental 2 utilizar uma variação linguística que desperta a curiosidade dos alunos. Assim, a partir da variação linguística denominada “piauiês”, os alunos foram incentivados a reconhecer e respeitar outras variedades linguísticas, além de se ver como sujeitos de sua própria língua, visto que muitas famílias não são nativas da região onde moram atualmente e trouxeram seu próprio jeito de falar, transmitindo-o aos filhos.

1. CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE

A sequência didática proposta é de natureza teórica, a ser desenvolvida por professores de Língua Portuguesa que atuem no âmbito do 6º ano do Ensino Fundamental 2. Os livros didáticos dessa série abordam o conteúdo sobre variações linguísticas e o material apresentado pode ser usado pelos professores, na íntegra ou com variações, para abordar o tema.

Os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental 2 estão na faixa etária de 11 anos de idade, conseguem ter mais autonomia e já conseguem lidar sozinhos com as atividades propostas pelos professores. Todavia, justamente o fato de terem vários professores caracteriza a série como sendo de transição, pois no 5º ano, na maioria das vezes, havia somente um professor, do qual dependiam bastante (Educa+Brasil, 2024).

A multidisciplinaridade e interdisciplinaridade de conteúdos levam ao aprofundamento dos temas, tornando a aprendizagem mais desafiadora para os alunos, os quais precisam tomar suas próprias decisões, adaptarem-se à rotina de estudo com várias disciplinas e professores e lidarem com prazos, para conseguirem fazer todas as atividades.

Somada a todas essas mudanças externas, existem mudanças internas psíquicas e fisiológicas acontecendo com os alunos do 6º ano. Meninos e meninas começam a apresentar os primeiros sinais físicos da adolescência, com mudanças corporais, mas também psicológicas, pois não querem mais ser tratados como crianças. A imagem no meio social passa a ser muito importante, e a linguagem usada por cada um se reflete nessa imagem, como aceitação ou como preconceito. Nesse aspecto:

[...] a linguagem é o índice por excelência da identidade, visto que as regras linguísticas utilizadas pelo falante na busca de aproximação com os membros do grupo com o qual deseja se identificar são criadas no momento da enunciação, por meio de escolhas linguísticas inconscientes que se associam às múltiplas dimensões formadoras da identidade social e aos papéis que assumem na comunidade de fala (Oliveira e Baronas, 2011, p. 195).

Na fase da infância, as crianças se identificam totalmente com o jeito de falar dos pais, mas, quando chegam à pré-adolescência e adolescência, desejam se parecer com os grupos de referência nos quais querem estar inseridas e podem rejeitar as variações linguísticas que antes valorizavam. Nesse sentido, precisam compreender que são atores sociais que representam diversos papéis e, no contexto de cada um deles, podem se expressar oralmente fazendo escolhas lexicais diferentes, usando ou não determinada variedade linguística (Silva, 2004).

Diante disso, surgem oportunidades para que os professores possam iniciar a discussão de questões mais amplas, de forma a situar os alunos no mundo que os cerca e as relações que fazem parte da realidade. A língua e suas variações se inserem nessas relações, pois é universal para todos os seres humanos, mas não é falada da mesma forma em todos os lugares e grupos sociais, e isso precisa ser abordado para combater o preconceito linguístico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento da linguagem pelos seres humanos ocorreu nos mais remotos tempos da Pré-história, distinguindo-os de outros animais e foi resultado de uma série de processos ligados à necessidade da sobrevivência. Com a linguagem, os mais velhos puderam transmitir aos mais jovens as experiências acumuladas. Depois, os seres humanos sentiram a necessidade de registrar essas experiências e começaram a criar os primeiros signos, que dariam origem à língua, principalmente nas paredes das cavernas (França, 2009). Assim, são apresentados, a seguir, os conceitos desses dois importantíssimos meios de interação social, que são a linguagem e a língua.

2.1. Língua e Linguagem: abordagem conceitual

A linguagem está estritamente ligada à cultura e à sociedade, ou seja, é mediante relações culturais que o ser humano estabelece um meio de se comunicar com outros indivíduos do mesmo grupo. A linguagem, seja transmitida por meio de sinais ou de códigos, é o meio pelo qual as ideias são transmitidas, com os indivíduos interagindo uns com os outros (Leite, 2010).

Não existe sociedade sem uma língua, então só há comunicação se houver pessoas relacionando-se por meio da linguagem. Por isso, ela retrata a estrutura estratificada da sociedade. Ambas, língua e linguagem, evoluem constantemente num processo de interação (Silva e Sousa, 2017).

O desenvolvimento da língua é, portanto, um processo social e não individual e decorre das necessidades das comunidades, sua história e cultura. Assim:

A linguagem não é objetiva. Deve-se considerar a posição do sujeito em relação ao tempo e ao espaço. Ela não visa à tradução objetiva das coisas, mas também não é produto de um subjetivismo fundamentado na consciência de um sujeito deslocado do tempo e do espaço. Em todo discurso está presente o sujeito que o produz, mas não é um sujeito que fala por si mesmo, ele fala a partir de uma determinada posição social, o seu discurso ultrapassa a sua individualidade para se tornar voz de uma coletividade, ou melhor, de um grupo social (Silva e Sousa, 2017, p. 265).

Nesse aspecto, as sociedades humanas transmitem aos seus descendentes as suas experiências, sentimentos e conhecimentos, por meio da linguagem e também da língua, de forma que possam sobreviver e, por sua vez, transmitirem o que acumularam às futuras gerações. A linguagem abrange a cultura de uma sociedade e se modifica também junto com ela (Bastolla e Souza, 2017).

Dessa forma, o falante nativo consegue usar a linguagem socialmente. A criança que vai pela primeira vez à escola sabe usar a língua materna, com competência, exceto por questões patológicas ou por transtornos, formando todas as frases de que necessita para sua comunicação. O papel da escola, então, é proporcionar aos alunos a ampliação dessa competência, por meio da aquisição de recursos comunicativos, para que possam usar a língua adequadamente em diferentes contextos e produzir a sua escrita em diferentes gêneros textuais necessários em algumas práticas sociais especializadas. Quanto maior for a familiaridade do aluno com a tarefa comunicativa, maior será a sua competência para transitar de um contexto a outro de uso da linguagem (Bortoni-Ricardo, 2004).

Os estudos sobre a linguagem evoluíram no final do século XVIII, seguindo uma metodologia comparativista, com trabalhos de William Jones (1746-1794), Friedrich Schlegel (1772-1829) e de Franz Bopp (1791-1867). Esses estudiosos tomavam as mudanças linguísticas como ponto de comparação entre as línguas, procurando reconstituí-las, principalmente as línguas europeias e asiáticas. Procuravam estabelecer leis fonéticas que explicassem essas mudanças (Siqueira e Aguiar, 2011).

Foi no começo do século XX que Ferdinand Saussure (1857-1913) lançou a teoria de que havia uma diferença entre língua e fala, sendo a língua

homogênea, um sistema de formas, relacionadas umas com as outras. Ao contrário do comparatismo, que procurava saber como as línguas haviam sido no passado e depois como haviam mudado, Saussure (1857-1913) se preocupava com a língua como ela era naquele momento presente e, sem abandonar o estudo histórico da língua, propôs que ela fosse estudada pelo que era intrinsecamente e não pelas suas relações com os objetos ou com o mundo exterior (Milani, 2016).

A língua é o único meio pelo qual o indivíduo, por meio da linguagem, consegue se comunicar, sendo que esse contato acontece por ser a língua um sistema de signos que cada sociedade cria e adapta, como por exemplo a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), utilizada por pessoas com deficiência auditiva para se comunicarem umas com as outras (Saussure, 2006).

Outras correntes de estudo consideram a língua como um produto social, determinado pela cultura e sendo por ela modificada ao longo do tempo. De acordo com esses estudos, a língua também varia de acordo com as estratificações sociais. Assim, os estudos linguísticos e as diversas correntes, desde a naturalista até a sociológica, têm espaço importante no meio científico (Silva e Sousa, 2017).

2.2. Variedade Linguística

A língua falada no Brasil é extremamente rica e variada. Essa riqueza e variedade resultaram da evolução histórica da sociedade brasileira, formada por povos de línguas diferentes, cujo encontro resultou em um idioma diversificado. De norte a sul do país, podem ser encontradas uma infinidade de variantes linguísticas, abrangendo o léxico, a fonética, a morfologia e a sintaxe (Rocha e Corbani, 2021).

Diante desse panorama linguístico que pode ser visualizado em todo o Brasil, são apresentados os tipos de variações linguísticas, buscando compreendê-las através do estudo das origens da língua portuguesa no país rumo à constituição de uma língua brasileira.

2.2.1. Origens da Língua Falada no Brasil

A língua portuguesa tem hoje importância internacional, principalmente pela expressividade numérica da população brasileira. Originária de Portugal, pequeno país europeu, essa língua também é falada em países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, além do Brasil, constituindo quase 265 milhões de falantes do idioma português no mundo (Brito, 2018).

Os países de língua portuguesa realizam um expressivo comércio internacional. A língua portuguesa é a mais falada no hemisfério sul do planeta, é idioma oficial da União Europeia (EU) e é ensinada como segunda língua nos países do Mercosul, como Uruguai, Paraguai e Argentina. É uma das três línguas mais faladas em todos os continentes e conta com uma organização oficial, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, muito importante nas relações entre o Brasil e os países africanos (Dallari, 2021).

As origens da língua portuguesa remontam à chegada dos conquistadores romanos na Península Ibérica, no início do século III a. C., ocasião em que o latim por eles falado entrou em contato com as línguas locais. A região sofreu, entre os séculos V e VIII, as invasões germânicas, promovendo o encontro da língua falada por esses povos com o latim já transformado. Entre os séculos VIII e IX, a região também foi invadida pelos árabes, promovendo novos encontros linguísticos (Teyssier, 2014).

O latim, que foi se modificando durante esse processo de invasões, recebeu o nome de romance e formou no oeste da Península Ibérica o galego-português e, com a formação do Condado Portucalense, o próprio idioma português, a partir do século XII. Passando por sucessivas mudanças durante a Idade Média, a língua portuguesa chegou ao Brasil no início do século XVI, no contexto histórico das Grandes Navegações (Teyssier, 2014).

Quatro períodos marcaram as relações da língua portuguesa com as demais línguas faladas no Brasil, em diferentes momentos históricos (Mendonça, 2023):

- a. **1530-1654**: nesse momento a língua portuguesa era usada, como idioma oficial do Estado português, apenas nos documentos oficiais e

praticada pelas pessoas ligadas à administração pública. A língua geral falada pela maioria da população eram línguas tupi, usadas no contato entre as tribos indígenas, entre estas e os portugueses e também entre os próprios portugueses e seus descendentes. Além disso, a língua portuguesa conviveu nessa fase com o idioma holandês, usado pelos invasores no Nordeste brasileiro;

- b. **1654-1808:** com a saída dos holandeses, o português deixa de sofrer a concorrência de outro colonizador, passando a dominar politicamente as línguas indígenas e africanas trazidas pelos negros que vieram da África para serem escravos. Com a implantação definitiva do processo colonizador, a língua geral começou a ser combatida, não podendo ser usada nas escolas e nem pela população indígena caindo, assim, em desuso e dando lugar ao idioma português. De língua oficial, o português passa a ser a língua mais falada no Brasil, mas com variações, visto que se originava de falantes de vários lugares de Portugal;
- c. **1808-1826:** a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, provocou o aumento do número de falantes da língua portuguesa e teve um importante efeito nas relações sociais do Rio de Janeiro, onde o idioma passou a circular também por meio da imprensa. A presença da Família Real deu ao português falado no Brasil um efeito de unicidade;
- d. **1826 em diante:** com a independência, a questão do idioma nacional passou a ser discutida no meio político e nos meios literários, sobre a necessidade de se formular e ensinar nas escolas o *português brasileiro*. O Brasil apropria-se do idioma português como língua oficial e nacional, porém com características locais. No final do século XIX, essa língua entra em contato com as línguas europeias trazidas pelos imigrantes, estabelecendo uma diferença no modo de relação com as línguas indígenas e africanas, consideradas como idiomas de povos primitivos.

A entrada das línguas dos imigrantes coincide com o fim do tráfico de escravos africanos e com a própria escravidão, promovendo um branqueamento do Brasil e a diluição das línguas africanas e indígenas no cenário linguístico nacional. O desenvolvimento econômico deslocou-se para o

centro-sul, teve início o processo de industrialização e o consequente crescimento das cidades, com suas variações linguísticas opondo-se ao meio rural. O centro-sul passa a ser a região definidora da língua portuguesa falada no Brasil, mas também sofre a influência de fortes migrações internas, principalmente de nordestinos, cujo movimento entre as duas regiões foi pendular (Castilho, 2017).

A movimentação das pessoas pelo país exerceu papel fundamental para o aparecimento de novas formas de falar, pois:

Ao alterar a composição populacional, os movimentos migratórios também interferem nas dinâmicas socioculturais das áreas de atração. [...] E, com o passar do tempo, são perceptíveis os efeitos da acomodação linguística dos falantes em relação à variedade de origem. Assim como o movimento de migração do Nordeste para o Sudeste não passou incólume linguisticamente, o movimento de retorno também tem seus efeitos. No Sudeste o traço típico do falar do migrante nordestino é abertamente estigmatizado; ao retornar às suas origens dialetais, a fala já não é mais a mesma, traços foram incorporados e assimilados. O movimento de retorno leva à comunidade uma variante inovadora e carregada de valores, positivos ou negativos (Freitag, 2021, p. 32).

Assim, a língua portuguesa falada no Brasil, considerada como língua materna, sofreu variações diversas. Para dizer que existe uma língua brasileira é preciso considerar o “conceito de uso da língua e sua relação com a cultura e a identidade coletiva e individual dos falantes” (Bagno, 2007b, p. 99). Já tendo passado mais de quinhentos anos do início da colonização portuguesa no Brasil, a língua que aqui se fala é diferente do idioma falado em Portugal, tendo gramática própria e funções sociocomunicativas e culturais exclusivas (Bagno, 2007b).

2.2.2 Variação linguística

Toda língua varia e muda no tempo e no espaço sincrônico e diacrônico. A heterogeneidade existente no país, ainda maior por causa da extensão territorial, pode se estender por um domínio social, ou seja, “Um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais”, compondo obrigações e direitos, definidos por normas socioculturais (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23).

Conforme define a Sociolinguística, o uso da linguagem acompanha e reforça esses papéis sociais, caracterizando cada domínio. Dessa forma, as pessoas falam de uma forma no meio familiar, com variações entre as gerações, os gêneros e a posição ocupada na família; falam de outra forma com os amigos e também na escola. Em alguns contextos, usa-se uma fala mais formal e em outros usa-se uma fala mais coloquial (Labov, 2008).

Assim, é possível afirmar que não existe uma língua homogênea, discurso que só serve para discriminar os falares e seus falantes. A principal característica das línguas humanas é a heterogeneidade, diferenciando-se os falantes urbanos dos rurais, de uma região para outra, com as variações linguísticas se manifestando em diferentes níveis da língua, motivadas por fatores linguísticos, mas também sociais, o que nos exige novos olhares e reflexões a respeito dessa realidade (Soares e Santos, 2022). Por isso, é que se pode dizer que:

[...] a partir da Sociolinguística novas discussões se tornaram correntes no ensino de língua: o respeito e a aceitação às variedades dialetais e às diferentes línguas; a redefinição do conceito do “certo” e “errado”; as relações entre o oral e o escrito; a busca por um ensino como meio de levar o aluno ao domínio do dialeto padrão e à adequação linguística (Soares e Santos, 2022, p. 6).

A heterogeneidade é, portanto, uma característica marcante da língua portuguesa falada no Brasil. Nas sociedades complexas e letradas, como é o caso da sociedade brasileira, a realidade linguística é composta por um polo que representa o estado permanente de transformação da língua, ou seja, a variação, e outro polo representado pela norma padrão, que se constitui em um produto cultural para neutralizar os efeitos das variações e configurar um comportamento linguístico que sirva para todos, ainda que ele possa ser considerado artificial (Bagnó, 2007b).

Os dois polos se influenciam no contexto da vida social e essa influência deve ser levada em conta pelo sistema de ensino quando da estruturação da Língua Portuguesa como disciplina em sala de aula. A variação implica a heterogeneidade e ocorre em todos os níveis da língua, como se pode notar no quadro a seguir:

Quadro 1: Níveis da língua onde podem ocorrer variações

| Níveis | Variações |
|------------------------|---|
| Fonético-fonológico | Diferentes pronúncias para o R da palavra porta. |
| Morfológico | Diferentes sufixos para expressar a mesma ideia, como em pegajoso e peguento. |
| Sintático | Os elementos de uma frase podem ser organizados de diferentes formas, sem que o significado mude. Exemplo: “Ela estava sentada sozinha num canto escuro” ou “Num canto escuro, ela estava sentada sozinha”. |
| Semântico | Dependendo da origem regional de quem fala, uma mesma palavra pode ter diferentes significados, como vexame (vergonha) e vexame (pressa). |
| Lexical | Diferentes palavras referem-se a uma mesma coisa, como mijo, xixi e urina. |
| Estilístico-pragmático | A mesma situação pode ser enunciada de formas diferentes, dependendo do contexto em que se situa aquele que fala, ou seja, formal em certas ocasiões e coloquial em outras. |

Fonte: Bagno, 2007b, p. 40 (Adaptação).

Essas variações não acontecem por acaso e ocorrem devido aos fatores inerentes à língua, como os sons das letras, e também aos fatores de ordem social, correspondentes à origem geográfica e social daquele que fala. Todos os falantes da língua portuguesa alternam os sons do [S] e do [Z], mas, em alguns lugares, esses sons se modificam, apresentando um chiado, como ocorre no Rio de Janeiro e no Pará (Bagno, 2007b).

Esses fatores sociais são chamados de extralinguísticos e podem se referir à origem geográfica, como foi mencionado acima; à condição socioeconômica do falante; ao grau de escolarização; à faixa etária; ao gênero; ao mercado de trabalho e às redes sociais com as quais aquele que fala convive. As variações também podem estar presentes em cada indivíduo ou família, que controlam as maneiras como se expressam, verbalmente ou por escrito, de acordo com os contextos onde se inserem e que formam o estilo do falante (Dalle mole, Osório e Patatas, 2018).

O estilo, quando se refere à expressão verbal, é adquirido pelas pessoas por meio das normas sociais que são aprendidas por imitação e observação, pela educação familiar e pelo letramento que se adquire na escola. No que se refere à expressão escrita, o estilo depende do letramento formal do falante, ou

seja, da sua capacidade de usar a língua em situações sociais, de acordo com o seu nível de alfabetização e de acordo com os contextos (Leite, 2010).

As variações existem pelo fato de que a língua está em constante mudança e o grupo social é um determinante para que ela sofra suas transformações a cada momento. A seguir, a classificação das variações linguísticas.

Quadro 2: Variações linguísticas

| Varição linguística | Conceito e características | Exemplos |
|---------------------------|--|---|
| Diacrônica/Histórica | Refere-se às mudanças sofridas pela língua no decorrer do tempo histórico; o que uma sociedade considerou como norma padrão em certa época pode se transformar e não ser mais aceita, sendo considerada arcaica. | Arvre/Árvore Estomçe/Então Corgo/Córrego |
| Diatópica/Geográfica | Refere-se às variações linguísticas faladas por pessoas que vivem distantes geograficamente umas das outras; leva em conta a função da identidade social do emissor. | Leité quenté - RS Leiti quenti – MG Leitchi quentchi - SP |
| Diastrática/Sociocultural | Refere-se à tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico e cultural; leva em conta nível de renda familiar, grau de escolaridade, ocupação profissional, de ordem socio-biológica, como idade e gênero, entre outros, sejam eles isolados ou combinados entre si; leva em conta a função da identidade social do emissor. | Linguagem técnica: O médico: De acordo com o laudo, você está com um processo de intumescência resultante de lesão inflamatória e necrose subcutânea! O paciente: Meu Deus, doutor!!!! E quanto tempo eu tenho de vida??? O médico: Ah, não se preocupe, é só um furúnculo! Gírias: O gringo tem um carrinho irado. O silk do skate tá insano. Diferença geracional: Você é um chato de galocha! (mais idade) |

| | | |
|-----------------------|---|---|
| | | Você é um pé no saco! (menos idade) |
| Diafásica/Estilística | Refere-se à adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão sobre as formas que constituem a competência comunicativa do sujeito falante; leva em conta a função da identidade social do receptor e a função das condições sociais de produção discursiva. | Por favor, poderia me passar o açúcar? (Formal para um jantar com pessoas desconhecidas) Ô meu chapa, vai ficar alugando o açucareiro até quando? Dá pra passar ou não? (Informal para um encontro com amigos íntimos) |

Fonte: Camacho, 2011, p. 40 (Adaptação).

Existe uma forte vinculação entre a variação sociocultural e a estilística. O poder que o falante tem nas relações econômicas e sociais, seja em função de escolaridade, profissão ou renda, dentre outros fatores, determina se sua forma de se expressar verbalmente será aceita ou não pelos seus pares. Se ele tiver influência social e econômica, sua fala será considerada uma variante de prestígio ou padrão, mas, se não tiver, será uma variante não padrão ou estigmatizada. O falante que tem competência linguística pode passar de uma a outra, conforme o interlocutor ao qual esteja se dirigindo, mas nem todos conseguem agir dessa forma (Camacho, 2011).

2.2.3. Tipos de variedades linguísticas

Uma língua pode ser falada de várias maneiras por aqueles que a usam, não sendo uniforme no interior das regiões geográficas, nos grupos sociais ou no tempo histórico. Cada modo de falar constitui uma variedade linguística. A língua pode ser considerada como um conjunto dessas variedades, plenamente funcionais para os seus falantes, promovendo a interação e a coesão social. Nenhuma variedade é melhor ou mais bonita do que a outra e todas obedecem a regras gramaticais específicas (Bagnó, 2007b).

Essas variedades também podem ser classificadas, de acordo com o Quadro 3:

Quadro 3: As variedades linguísticas

| Variedade linguística | Conceito e características | Exemplos |
|-----------------------|--|--|
| Dialeto ou Variedade | Modo característico de uso da língua em determinado lugar, envolvendo diferenças entre grupos sociais, faixas etárias, zonas urbanas e rurais. | Dialeto nortista (amazofonia) Dialeto sertanejo Dialeto sulista Dialeto baiano (baianês) Dialeto nordestino Dialeto carioca Dialeto brasiliense (candango) Dialeto goiano Dialeto mineiro |
| Socioleto | Modo característico de falar de grupos específicos de falantes, com as mesmas características socioculturais, como classe socioeconômica, nível cultural ou profissão. | Juridiquês (expressões da área jurídica) Futebolês (expressões de jogadores de futebol) “Marcar um rolezinho” (socioleto dos jovens) “Peraí, vou dá um bizu no zap” (socioleto de usuários de aplicativo de mensagens instantâneas) |
| Cronoleto | Também chamado de <i>variedade generacional</i> , designa o modo de falar de determinadas faixas etárias ou de uma geração de falantes. | O jovem: Tô bolado! O de mais idade: O quê? Levou uma bolada? |
| Idioleto | Designa o modo de falar próprio de determinado indivíduo, podendo ser chamado <i>ecoleto</i> quando se refere à forma peculiar de fala de uma família. | Um mesmo indivíduo fala de forma diferente em situações: Formais Informais Tristes Alegres |

Fonte: Bagno, 2007b, p. 48-49 (Adaptação).

Assim, existem várias formas de usar a língua e a escola precisa levá-las em conta, pois o Brasil é um país formado por diversas raças e povos, não possuindo uma língua única e homogênea, mas com muitas variantes, vivas e dinâmicas. O professor e a escola precisam respeitá-las, pois fazem parte da língua portuguesa. Não existe uma variante melhor do que a outra, elas apenas são diferentes e o professor não pode permitir que qualquer tipo de preconceito em relação a uma ou outra interfira no aprendizado dos alunos (Oliveira e Corbani, 2021).

2.3. Variação Linguística no Ensino de Língua Portuguesa

O conflito entre as variações linguísticas e a língua padrão é um equívoco, pois se assim fosse “todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores também os melhores em gramática” (Bagno, 2007a, p. 62). O uso da norma padrão, ou seja, formal, é bem-vindo quando assim for necessário, ou seja, há situações em que se deve falar de forma mais formal e há outras ocasiões que convém o próprio vernáculo, que dizer, uma língua coloquial, que é a língua identitária, do seio familiar, do convívio social. O uso de uma ou de outra não significa que o falante tenha mais ou menos competência linguística e comunicativa.

Parte-se do pressuposto de que para falar e escrever corretamente e desenvolver a competência gramatical é preciso conhecimento linguístico e que para falar e escrever corretamente seria necessário aprender a falar conforme a língua padrão. Diante disso, pode-se argumentar que:

[...] precisamos nos posicionar frente a alguns acontecimentos educacionais, como as variações dialetais de uso da língua vernácula que visam obter uma nova compreensão do dimensionamento do estudo da Língua na atualidade, especialmente do ponto de vista pertinente ao relacionamento aluno/professor (Alves, 2007, p. 1).

Por ser a língua materna um uso de variações de diferenças regionais, isso contribui para que as variabilidades cresçam a cada instante, e, sendo grande o número de falantes no meio social, é importante inserir no ensino de língua portuguesa as variações presentes na fala cotidiana das pessoas, valorizando-as como elementos constituintes da língua em uso no país (Barbosa, 2016).

2.3.1. Variação linguística em sala de aula

Sabe-se que a gramática normativa ainda é vista como preferência no ensino de norma padrão por muitos professores, deixando de lado a língua materna, adquirida por todos que nasceram e viveram no país. Não existe fala certa ou errada, o que existe no falar são variações que atendem algumas

necessidades linguísticas diferentes no uso e costumes de um povo (Souza, 2019). Assim é que se pode dizer que:

[...] Uma língua não pára nunca. Evolui sempre, isto é, muda sempre. Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro dizermos que é modo diferente do que diziam os clássicos.

— Quem vem a ser clássicos? perguntou a menina [Narizinho].

— Os entendidos chamam clássicos aos escritores antigos, como padre Antônio Vieira, Frei Luís de Sousa, o padre Manoel Bernardes e outros. Para os carranças, quem não escreve como eles está errado. Mas isso é curteza de vistas (Bagno, 2007a, p. 32).

Existem muitos escritores clássicos antigos que, se fossem escrever um livro de nossa época, teriam de usar variações no uso da fala de convívio atual. Nos tempos antigos, muitos clássicos escreviam conforme as variações linguísticas daquela época, mas, como já se sabe, a língua muda constantemente e é isso que faz a diferença quanto às diversas variações que existem no meio social de cada época (Bagno, 2007a).

A língua desta cidade [Brasil] está ficando um dialeto da língua velha [de Portugal]. Com o ocorrer dos séculos é bem capaz de ficar tão diferente da língua velha como esta ficou diferente do latim. Vocês vão ver. [...] ambas estão certas. O que sucede é que uma língua, sempre que muda de terra, começa a variar muito mais depressa do que se não tivesse mudado. Os costumes são outros, a natureza é outra – as necessidades de expressão tornam-se outras. Tudo junto força a língua que emigra a adaptar-se a sua nova pátria (Bagno, 2007a, p. 34).

Dessa forma, é preciso que os professores insiram em seu ambiente escolar uma metodologia de ensino da Língua Portuguesa que inclua as variações, trabalhando ambas as modalidades, tendo como objetivo final ensinar aos alunos que suas diferenças, no que se refere à fala, contribuem para o desenvolvimento da capacidade de se adequarem em qualquer situação em que se encontrarem, desenvolvendo, assim, uma comunicação mais segura (Barbosa, 2019).

É de suma importância a escola priorizar a diversidade linguística no ensino de Língua Portuguesa, mostrando aos alunos que não existem *erros* nas diversas maneiras de falar. A escola precisa mostrar que essas variações

estão presentes no cotidiano social e que é possível valorizar a língua padrão sem desvalorizar as variações linguísticas (Barbosa, 2019).

Assim, o *erro* de português não existe do ponto de vista da linguística, mas sim um grande número de variações linguísticas e é preciso dizer que:

Quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza, embora talvez não o possam explicitar e esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles (Bagno, 2007a, p. 63).

A escola precisa reconhecer que as variações linguísticas estão presentes no cotidiano e que a norma padrão só é utilizada por pessoas com maior conhecimento intelectual. A escola deve ensinar aos alunos que a norma padrão é relativamente estável e que as variações linguísticas podem surgir e desaparecer a qualquer momento (Vasconcelos, 2022).

Dessa forma, é preciso mostrar aos alunos que a aprendizagem da norma padrão não deixará de lado a forma como eles, suas famílias e seus grupos sociais se expressam cotidianamente. Luft (2006) menciona sua própria experiência, por ser um jovem filho de imigrantes alemães no Brasil dos anos 1930. Tanto como imigrante, como seminarista da Igreja Católica, era preciso falar e escrever bem, na norma padrão da Língua Portuguesa, para ser aceito na sociedade da época. Por isso, teve que abandonar a língua de seus pais e aprender a falar como os brasileiros. No entanto, os métodos de ensino tornavam esse aprendizado muito difícil, não só para ele, mas também para os seus colegas nativos. Nesse sentido, o autor afirma que:

Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo. [...] a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela (Luft, 2006, p. 23).

Trata-se do medo de falar “errado”, mas em termos linguísticos, a palavra *erro* não é aceita como *erro*, pois existem usos de fala de formas diferentes e isso é que precisa ser aceito, sem intimidar aqueles que a usam, corrigindo de forma sutil sem prejudicá-los e nem expondo-os ao ridículo e

abafando para sempre sua forma de se expressar. São inúmeras as manifestações da língua presentes na sala de aula e o seu ensino pode fazer parte das habilidades linguísticas a serem adquiridas pelos alunos, que dessa forma terão condições de fazer uso dessas habilidades de acordo com o contexto em que estiverem no seu grupo social (Bagno, 2007a).

A gramática internalizada favorece ao aluno perceber um grande conjunto de regras que ele já possui, ou seja, que ele domina, ajudando-o na construção de frases e palavras na sua própria língua. Dessa forma, o professor pode ter um ensino mais significativo a partir do conhecimento prévio que o aluno possui (Vasconcelos, 2022).

As línguas possuem características universais, que são os princípios e algumas diferenças entre si, que são os parâmetros. No primeiro caso, pode-se dizer que existe uma Gramática Universal (GU), com formato semelhante à das crianças quando aprendem a língua materna, organizando mentalmente o seu funcionamento de maneira rápida e eficiente. O que elas ainda não entendem são os fatores que influenciam o uso da língua pelos seus falantes, mas podem aprender que, em qualquer situação linguística, poderão ser encontrados o verbo, o sujeito e o objeto, na estrutura de qualquer frase, que são os Princípios. O que diferencia as línguas são os Parâmetros, ou seja, a maneira como esses elementos aparecem na frase e isso não torna uma língua superior ou mais bonita do que a outra, pois todas servem ao seu propósito, a comunicação (Chomsky, 1980).

Portanto, é importante o uso de uma metodologia voltada para um ensino mais autêntico, sem explorar apenas revistas em quadrinhos, que relatam somente um tipo de variante que é alvo de preconceito e discriminação. Muitos livros didáticos ajudam a reforçar o preconceito, mostrando os falantes com sendo rurais, pobres e analfabetos, como se estivessem falando errado, discriminando-os diante da língua materna. O ensino de Língua Portuguesa deveria levar em conta não só essas variações linguísticas, mas também a língua real e autêntica das falas urbanas, além das normas prescritas pela língua padrão. Por isso, é importante que o professor trabalhe com textos falados e escritos, envolvendo gêneros textuais diversos e novas metodologias (Bagno, 2007b).

2.4. Sequência Didática na Abordagem da Variação Linguística

Dentre as metodologias que o professor pode usar no ensino da variação linguística, estão as sequências didáticas. Trata-se de “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p. 18).

Esse conceito foi proposto pelo educador espanhol Antoni Zabala, em 1990. O diferencial em relação a outras metodologias está na forma de articular as atividades propostas, supondo, portanto, um tipo específico de ordenamento, que leva em conta a realidade global do ensino, incluindo as situações de convivência entre alunos e professores (Castellar e Machado, 2016).

No modelo tradicional, uma sequência de unidade de ensino é caracterizada por quatro fases: a) o professor comunica a lição a ser aprendida aos alunos; b) os alunos realizam estudo individual sobre essa lição, no livro didático; c) os alunos repetem o conteúdo supostamente aprendido sem discuti-lo com o professor ou com os demais colegas; e d) o professor atribui uma nota para essa apresentação. O professor não interage com os alunos, não estimula a interação entre eles, considera a aula como algo estático e não valoriza o pensamento e o protagonismo dos alunos (Zabala, 1998).

Na sequência didática, o professor inicialmente apresenta a situação, descrevendo de maneira detalhada a tarefa a ser realizada e, em seguida, os alunos produzem um primeiro texto, oral ou escrito, o que permite avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as próximas atividades às possibilidades e dificuldades da turma. A sequência didática, portanto, constitui uma metodologia flexível e, em nenhum momento, os alunos são colocados em situação de insucesso. A produção inicial é o primeiro lugar de aprendizagem da sequência, para evidenciar os pontos fortes e fracos (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2010).

Em seguida, são trabalhados um ou mais módulos envolvendo os problemas que apareceram na primeira produção, de forma que os alunos

recebam ou desenvolvam instrumentos para superá-los. Os alunos podem trabalhar com a representação da situação de comunicação, criar novos conteúdos, planejar e elaborar textos, conforme uma determinada finalidade, como as situações de variação linguística. As atividades devem ser variadas, individuais ou em grupo, orais ou escritas e que levem os alunos a compreenderem e falarem sobre o que está sendo abordado, preparando-se para a produção final (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2010).

Na produção final, os alunos colocam em prática os conhecimentos adquiridos e os instrumentos elaborados durante os módulos. Os alunos avaliam se atingiram os objetivos, controlando seu processo de aprendizagem, regulam e controlam suas ações e avaliam os progressos, podendo estimar o que ainda poderão conseguir em outras atividades semelhantes. O professor tem a oportunidade de realizar uma avaliação somativa, reunindo critérios objetivos e subjetivos, que lhe permite planejar a continuação do trabalho, caso sejam detectados pontos mal assimilados pelos alunos. A avaliação é um momento de troca e comunicação entre professor e alunos (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2010).

O uso das sequências didáticas pressupõe a ordenação das ideias a serem trabalhadas em sala de aula com antecedência, o que permite melhor aproveitamento do tempo de estudos com os alunos. O planejamento da sequência didática materializa as atividades de maneira satisfatória, permitindo que os conteúdos, como as variações linguísticas, sejam repassados aos alunos com maior qualidade e com resultados que levem a novas aprendizagens, além de, em nenhum momento, reforçar qualquer tipo de *erro* na fala ou na escrita. Os alunos se sentem incluídos, têm sua autoestima elevada e passam a gostar da disciplina Língua Portuguesa, tornando a aprendizagem mais proveitosa (Schnemann, 2014).

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Uma pesquisa, seja no âmbito da Educação ou em qualquer outra área do conhecimento, pressupõe a promoção do confronto entre os dados, as

evidências, as informações coletadas sobre o tema em questão e o conhecimento teórico que foi acumulado ao longo do tempo. A pesquisa não só é o fruto do saber acumulado, mas também da curiosidade a respeito de um assunto novo ou que ainda não tenha sido discutido exaustivamente no meio acadêmico. Constitui uma atividade normal na vida do educador, como forma de enriquecer o seu trabalho (Lüdke; André, 2013).

O educador, enquanto professor, é o organizador da aprendizagem, escolhendo os procedimentos que levem à resolução dos problemas, sendo também o mediador das propostas apresentadas pelos alunos e incentivador da aprendizagem dos alunos. Esses, são os atores do outro lado do processo de ensino, também com sua visão de mundo, ainda em construção quando na Educação Básica e cujos valores e princípios necessitam ser levados em conta (Libâneo, 2013).

O desafio do professor é levar as situações vividas pelos alunos em seu cotidiano para o âmbito da escola, transformando-as em conhecimento a ser utilizado e compartilhado. Isso é o que apresenta o estudo em pauta, por meio de uma proposta de Sequência Didática, no modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly, direcionada ao domínio da Linguística Aplicada, para melhor compreensão dos gêneros textuais pelos alunos, com apresentação da situação, produção inicial, aplicação de módulos de atividades e produção final. O objetivo é ajudar o aluno a compreender melhor os gêneros textuais (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2010).

3.1. Tipo de Estudo

Apresenta-se uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva. A pesquisa bibliográfica parte de fontes primárias ou secundárias, já analisadas ou não por outros pesquisadores e publicadas nos mais diversos formatos. O pesquisador trabalha a partir das contribuições oferecidas pelos autores dos estudos que compõem essas fontes, com o devido cuidado quanto à forma como os dados coletados foram processados, para não comprometer suas conclusões (Gil, 2019).

A pesquisa exploratória delimita o objeto a ser estudado, mapeando as condições de sua manifestação e buscando sua compreensão e interpretação, a partir do problema formulado (Severino, 2018).

No momento em que o pesquisador explora e analisa o material do seu campo de estudo, tem-se uma pesquisa descritiva relacionada ao fenômeno, que é o estudo das variações linguísticas. Caberá ao pesquisador ser imparcial na observação, registro, análise e ordenação dos dados, para, em seguida, descrever a sequência dos fatos, sua natureza, características, causas e relações com outros fenômenos similares (Del-Masso, Cotta e Santos, 2014).

3.2. População Alvo e Materiais de Base

A sequência didática sobre variação linguística destina-se aos alunos do 6º ano, do Ensino Fundamental 2, que estão na faixa etária de 11 anos de idade, caracterizada como pré-adolescência.

Os materiais de base para o estudo são a BNCC, em suas competências gerais e habilidades específicas para o ensino de variações linguísticas em Língua Portuguesa (Brasil, 2018) e um livro didático da disciplina, específico para a série, cujo capítulo de estudo se encontra no Anexo 1 (Editora Moderna, 2023).

3.3. Avaliação da Sequência Didática Proposta

As atividades propostas devem ser avaliadas de forma continuada, na medida em que se desenvolvem, observando-se a participação oral, as ideias desenvolvidas na interpretação escrita e as conclusões dos alunos que demonstrem a compreensão dos conceitos estudados.

É importante observar as reações dos alunos diante de um vídeo de rede social, onde a variação linguística é admirada pelos internautas e suas próprias opiniões sobre ela, que podem ou não demonstrar preconceito e colher sugestões de como combatê-lo.

A resolução de algumas atividades propostas no livro didático também deve servir para aferição do conhecimento adquirido e sua valorização no contexto da vida dos alunos.

3.4. Aspectos Éticos

Trata-se de uma proposta de sequência didática a ser aplicada na prática de sala de aula pelos professores interessados. Diante disso, não havendo pesquisa com seres humanos, foi dispensada a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB).

4. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

4.1 Título:

Variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental 2

4.2 Problematização:

Que atividades podem ser desenvolvidas no 6º ano do Ensino Fundamental 2 para a promoção do respeito às variações linguísticas e rejeição do preconceito linguístico, pelos alunos, a partir do material didático usado em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa?

4.3 Objetivo Geral:

Desenvolver atividades na disciplina de Língua Portuguesa, no 6ºano do Ensino Fundamental 2, que promovam o respeito às variações linguísticas e a rejeição do preconceito linguístico, pelos alunos, a partir do material didático usado em sala de aula.

4.4 Competências, conforme a BNCC:

- Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística,

matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

4.5 Habilidades, conforme a BNCC:

- (EF69LP02) Justificar fatores determinantes de registro linguístico (formal, informal), como: contexto, ambiente, tema, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os falantes.
- (EF69LP03) Adequar o nível de formalidade da fala aos temas, contextos/situações e interlocutores.
- (EF69LP04) Reconhecer a manifestação de preconceitos linguísticos como formas de discriminação e dominação.
- (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos.
- (EF06LP06) Identificar e registrar as informações principais em apresentações orais.
- (EF69LP01) Expor, no tempo previsto, resultados de pesquisa ou estudo, em colaboração com o grupo, com apoio de quadros, tabelas ou gráficos e uso de recursos de tecnologias da informação e comunicação, adequando vocabulário, pronúncia, entonação, gestos, pausas e ritmo.
- (EF06LP12) Identificar vocabulário desconhecido, incluindo especializado e técnico, usando pistas de contexto, estrutura,

ilustrações, bem como fontes externas ao texto, como glossários, dicionários, materiais de referência, enciclopédias (físicos ou eletrônicos).

- (EF06LP23) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação.
- (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.

4.6 Plano de Aula da Sequência Didática Proposta

O plano de aula (Quadro 4) para aplicação da sequência didática sobre variações linguísticas é composto por sete aulas, seguindo a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010).

A apresentação inicial propõe aos alunos refletir sobre as variações linguísticas a partir da exibição de uma reportagem de programa jornalístico de televisão sobre a forma de falar de um influenciador digital mirim de Santa Catarina, que faz muito sucesso com sua fala peculiar nas redes sociais (Amaro, 2024).

Como essa criança gosta de postar vídeos com receitas culinárias, propõe-se aos alunos, como produção inicial, que reescrevam uma receita em variação linguística apresentada no livro didático ou em outra variação brasileira, lendo essa produção em voz alta, para imitar o sotaque regional.

A seguir, são apresentados quatro módulos de atividades que exploram o tema das variações linguísticas, com apoio do livro didático. O primeiro aborda as questões teóricas sobre o surgimento e consolidação das variações linguísticas. O segundo módulo propõe aos alunos a comparação entre o chamado “internetês” e a norma-padrão. No terceiro módulo, são apresentadas aos alunos as variações linguísticas típicas de outros países que também usam a Língua Portuguesa, chamados lusófonos. No quarto módulo, os alunos são levados a refletirem sobre sua própria maneira de falar,

analisando se existe uma variação linguística própria dos falantes do Distrito Federal.

A língua falada em Brasília e arredores tem sido investigada por um projeto da Universidade de Brasília (UnB), o Projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO), com a criação de um banco de dados sobre os falares da região, pretende “identificar, documentar e caracterizar uma variedade linguística própria do Distrito Federal, dentro do cenário linguístico nacional” e divulgar as pesquisas realizadas (Dettoni et al., 2012, p. 809).

Como o Distrito Federal e a região do Entorno englobam manifestações e falares de diversas regiões do Brasil, elas precisam ser documentadas. É o caso do uso do pronome *tu*, típico dos nordestinos, mas que, em locais de Brasília, como Ceilândia, mas já envolvendo um componente social, que é o contexto entre homens jovens, quando interagem com os pares, tratando de temas da vida cotidiana (Dettoni et al., 2012).

Na produção final, a receita da produção inicial é retomada, para ser reescrita na norma-padrão e fazer uma comparação sobre qual das duas o leitor compreenderia melhor. Além disso, os alunos são chamados a opinarem sobre o fato de as redes sociais contribuírem ou não para o preconceito em relação às variações linguísticas, visto que o influenciador mirim é muito admirado pelo seu jeito de falar.

O mural com os textos produzidos pode ser afixado na sala de aula ou ser montado em local de acesso público aos demais alunos e profissionais que trabalham na escola, afinal o tema interessa a todos.

Quadro 4: Plano de aula para a aplicação da sequência didática proposta

| Aulas | Objetivos específicos | Conteúdos | Dinâmica das atividades |
|--------------|--|--|--|
| 1 | Apresentar aos alunos uma variação linguística diversa do seu meio social e cultural. Mostrar que, nas redes sociais, a variação linguística apresentada é aceita e admirada. | Variação linguística no interior de Santa Catarina Exibição do vídeo: “Menino de 7 anos faz sucesso na internet com receitas e expressões regionais curiosas”, exibido no programa Domingo Espetacular, da Record TV, no dia 4/8/2024. | Apresentação inicial Convite aos alunos para assistirem ao vídeo. Observação das reações. Destaque de palavras e expressões que constituem variações linguísticas em Santa Catarina. |

| | | | |
|---|---|--|---|
| | | <p>Interpretação oral.</p> <p>Levantamento de expressões e palavras relacionadas à variação linguística exibida no vídeo.</p> | |
| 2 | <p>Elaborar e apresentar uma receita, utilizando a variação linguística “piauiês”, apresentada no livro didático de Língua Portuguesa, do 6º ano do Ensino Fundamental 2 e outras variações linguísticas do Brasil, como o “mineirês” e o “goianês.</p> | <p>Variações linguísticas do Brasil</p> <p>Interpretação oral e escrita.</p> | <p>Produção inicial</p> <p>Elaboração de um texto com a receita escrita em alguma variação linguística brasileira.</p> <p>Apresentação da receita em voz alta, tentando imitar o sotaque regional.</p> |
| 3 | <p>Reconhecer os motivos pelos quais as variações linguísticas ocorrem.</p> <p>Reconhecer a ocorrência e importância das gírias no contexto dos grupos sociais e profissionais.</p> | <p>Módulo 1</p> <p>Exploração das variações linguísticas:</p> <p>Como surgem.</p> <p>Influência dos lugares de origem das pessoas, faixa etária e classe social.</p> <p>Gírias.</p> <p>Histórias de hoje e de sempre (livro didático).</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Exploração dos conteúdos escritos, visuais e audiovisuais que constam no livro didático. |
| 4 | <p>Refletir sobre o papel socialmente valorizado da norma-padrão.</p> | <p>Módulo 2</p> <p>Exploração das variações linguísticas:</p> <p>Comunicação nas mídias digitais e redes sociais <i>versus</i> norma padrão: adequação e preconceito.</p> <p>Histórias de hoje e de sempre (livro didático).</p> | <p>Exploração dos conteúdos escritos, visuais e audiovisuais que contam no livro didático.</p> |
| 5 | <p>Identificar e reconhecer variações lexicais no falar de outros países de língua portuguesa.</p> | <p>Módulo 3</p> <p>Exploração das variações linguísticas:</p> <p>Variações linguísticas nos demais países de língua portuguesa.</p> <p>Histórias de hoje e de sempre (livro didático).</p> | <p>Exploração dos conteúdos escritos, visuais e audiovisuais que contam no livro didático.</p> |
| 6 | <p>Identificar e reconhecer variações lexicais que sejam típicas da fala dos brasileiros.</p> | <p>Módulo 4</p> <p>Exploração das variações linguísticas:</p> | <p>Exploração dos conteúdos escritos, visuais e audiovisuais que constam no livro didático.</p> |

| | | | |
|---|---|--|--|
| | | O falar do Distrito Federal: existe uma variação linguística brasiliense? Histórias de hoje e de sempre (livro didático). | |
| 7 | Comparar textos de mesmo conteúdo, em variação linguística e linguagem formal, em relação ao nível de compreensão por parte do leitor. Analisar o papel das redes sociais na disseminação e reconhecimento das variações linguísticas como parte da história e cultura de um povo. | Interpretação escrita. Argumentação oral. | Produção final Reescrita da receita elaborada na segunda parte da sequência didática, em linguagem formal e comparação do nível de compreensão do leitor em relação aos dois textos. Elaboração de um mural com a produção de textos dos alunos. Pedir para opinarem sobre o papel das redes sociais na disseminação das variações linguísticas e se o seu reconhecimento por parte dos internautas diminui o preconceito. |

Fonte: A Autora.

A aplicação da sequência didática envolve uma semana e meia de aula e deve também contemplar as atividades previstas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Pode envolver outras disciplinas da grade curricular do 6º ano, como Geografia, para localizar a cidade onde mora o influenciador mirim ou a localização dos países lusófonos; a Matemática, para calcular a distância dessa cidade ou desses países até onde os alunos que estão participando da sequência didática moram; História, para conhecer o contexto do povoamento de Santa Catarina ou dos países lusófonos.

A interdisciplinaridade enriquece a compreensão dos conteúdos, evidenciando as limitações e insuficiências das disciplinas quando abordam os temas de forma isolada, usando apenas suas especificidades para a compreensão dos objetos. A interdisciplinaridade não apenas destrói as barreiras existentes entre as disciplinas, mas promove a sua superação, por meio do diálogo, reflexão, criação e ação, que resultam das atitudes das pessoas (FAZENDA, 2017).

4.7 Análise do Material de Base da Sequência Didática Proposta

Quando se trata do conteúdo sobre variação linguística, tanto o livro didático utilizado, quanto a BNCC, apresentam pontos positivos e negativos. O conteúdo do livro didático valoriza a diversidade linguística e destaca a importância das variações regionais, como no caso do “piauiês”, patrimônio linguístico e cultural do estado do Piauí. Isso promove o reconhecimento e a valorização das diferenças linguísticas, fomentando o respeito e a inclusão.

O texto explica de maneira clara e acessível o que são as variedades linguísticas, relacionando-as com fatores como faixa etária, escolaridade, região e grupo social, o que ajuda os alunos a compreenderem a complexidade e a riqueza da língua (Anexo 1, p. 42).

O material aborda o preconceito linguístico, enfatizando que não há uma forma de falar “melhor” que outra e que a língua é expressão da cultura e vivência dos falantes, o que é essencial para promover uma atitude mais inclusiva e respeitosa em relação às diferentes formas de falar (Anexo 1, p. 43).

Ao introduzir conceitos sociolinguísticos, o material enriquece o currículo escolar, proporcionando aos alunos uma visão mais ampla e crítica sobre a língua e seu uso social, integrando a Sociolinguística ao currículo.

As atividades propostas, como criar frases com expressões regionais e discutir a importância de obras que registram variações linguísticas, incentivam os alunos a refletirem e aplicarem os conceitos aprendidos, tornando o aprendizado mais significativo (Anexo 1, p. 50).

Por outro lado, embora o material reconheça a importância das variedades linguísticas, ainda há uma ênfase considerável na norma-padrão como a variedade “mais prestigiada” e exigida em vários momentos da vida social, o que pode contribuir para reforçar a ideia de hierarquia entre as variedades linguísticas, o que é contraproducente no combate ao preconceito linguístico.

O material poderia aprofundar a discussão sobre como a exclusão de certas variedades linguísticas do ambiente escolar pode impactar

negativamente os alunos que não falam a norma-padrão, afetando sua autoestima e desempenho acadêmico, principalmente na fase da vida em que estão os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental 2, que estão desejosos de se integrarem em novos grupos e querem ser aceitos.

Os exemplos de variedades linguísticas são limitados, pois o foco principal é no "piauiês" e, embora isso seja positivo para destacar uma variação específica, o material poderia beneficiar-se de exemplos adicionais de outras regiões e contextos sociais para oferecer uma visão mais abrangente das variedades linguísticas no Brasil (Anexo 1, p. 42).

O material poderia integrar mais a sociolinguística com outras disciplinas, como História e Geografia, para mostrar como a língua evolui e se adapta em diferentes contextos históricos e geográficos. As atividades sugeridas são interessantes, mas poderiam ser mais diversificadas e aprofundadas para estimular uma reflexão mais crítica e uma aplicação prática mais ampla dos conceitos discutidos (Anexo 1, p. 45).

Essas melhorias poderiam proporcionar um impacto mais positivo e inclusivo no aprendizado dos alunos, promovendo um entendimento mais completo e respeitoso das variações linguísticas no Brasil.

Em relação ao que é proposto na BNCC para a disciplina de Língua Portuguesa no 6º ano do Ensino Fundamental 2, sobre variedades linguísticas, os pontos positivos do livro didático são a valorização da diversidade linguística e a contextualização do uso da língua, com exemplos regionais, como o "piauiês", o que incentiva os alunos a reconhecerem e respeitarem diferentes variedades linguísticas e a diversidade cultural, o que auxilia no combate ao preconceito linguístico.

Quando promove o respeito às variações linguísticas e diversidade cultural, o material analisado permite aos alunos exercitarem a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, respeitando as diferenças entre os povos e os diversos grupos sociais.

A promoção, leitura e análise de diferentes gêneros textuais foi contemplada nas atividades propostas no livro didático, com a leitura de textos

regionais e a reflexão sobre expressões típicas, promovendo o reconhecimento das variedades linguísticas como parte da análise textual.

No entanto, o material analisado poderia aprofundar mais a análise linguística e semiótica das variações apresentadas, oferecendo atividades que explorassem os aspectos gramaticais, fonéticos e semânticos das variações linguísticas, como é possível notar na fala do influenciador mirim de Santa Catarina (Anexo 2, p. 51), o que poderia ter sido feito para o “piauiês”.

Sobre o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e criativo, o material poderia incluir mais atividades que estimulassem os alunos na análise das variações linguísticas, como projetos de pesquisa sobre diferentes dialetos e a criação de conteúdo multimídia que representassem essas variações. Isso também contemplaria a produção de textos adequados a diferentes situações de comunicação e seus contextos, incentivando os alunos a usarem diferentes variedades linguísticas, dependendo do contexto comunicativo, para promover a prática consciente da diversidade linguística.

A BNCC recomenda relacionar os conhecimentos linguísticos ao mundo do trabalho e ao projeto de vida dos alunos, o que o material didático não proporcionou. Isso seria importante para que pudessem compreender como as variações linguísticas afetam e são afetadas pelo mundo do trabalho e como o domínio de diferentes variedades pode ser uma ferramenta importante para o futuro profissional dos alunos.

Como foi mencionado, a norma-padrão é muito valorizada no livro didático, como norma adequada e, nesse sentido, poderia haver maior equilíbrio na discussão sobre a sua importância e o respeito às variações, evitando reforçar a hierarquia linguística e promover uma visão mais equilibrada e inclusiva em relação aos usos da língua. Assim, o livro didático analisado poderia ser mais completo e mais alinhado com as diretrizes da BNCC, em termos de competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma proposta de sequência didática para o desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos e atividades que promovam a consciência sociolinguística e a reflexão sobre o uso da linguagem na sala de aula, para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental 2, de forma a complementar o conteúdo apresentado pelo livro didático escolhido para a série e levando em conta que esse material, ainda que apresentasse diversos pontos positivos, necessita de outras atividades que complementem o assunto e leve os alunos a adquirirem as habilidades e competências propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A metodologia escolhida para fazer essa complementação foi a sequência didática que, dentre os diversos modelos em que pode ser utilizada, apresenta um modelo específico para a área de linguística, com quatro momentos que podem ser distribuídos entre as aulas planejadas pelos professores de Língua Portuguesa. Assim, pode ser apresentada uma determinada situação de variação linguística aos alunos, como a reportagem de um programa jornalístico de televisão, a partir da qual produzem um texto inicial, que transformam no final em outro gênero textual, após estudarem o conteúdo proposto.

Os professores atuam como mediadores durante o desenvolvimento da sequência didática, estimulando os alunos a apresentarem seus conhecimentos prévios, mas também a desenvolverem novas competências e habilidades, enquanto refletem sobre a importância da valorização e do respeito pelas variações linguísticas de seu povo e de seu grupo social, contribuindo para reduzir o preconceito em relação aos falares diferentes do seu.

Dessa forma, acredita-se que a sequência didática proposta possa auxiliar os professores de Língua Portuguesa a expandirem o tema da variação linguística apresentado pelo livro didático da disciplina, visto que o reducionismo do livro analisado, como ênfase apenas na norma padrão, falta de aprofundamento sobre o preconceito linguístico, poucos exemplos de variedades linguísticas, falta de integração entre Sociolinguística e outras

disciplinas, bem como a pouca diversificação das atividades propostas, é comum à maioria deles. Não se pode deixar ainda de valorizar o papel das redes sociais, quando mostram variações linguísticas que se tornam admiradas e podem ajudar no combate ao preconceito. A admiração e o respeito pelo jeito de falar do outro significa que o jeito de quem visualiza essas publicações também pode ser admirado e respeitado.

A sequência didática proposta não tem a pretensão de esgotar o tema, mas motivar os professores a analisarem detidamente o livro didático de sua turma, bem como as propostas da BNCC para o tema da variação linguística, e pensarem em outras atividades que poderiam ser desenvolvidas com os alunos para tornar o ensino de Língua Portuguesa mais rico e prazeroso. A literatura sobre o tema oferece inúmeras possibilidades ao professor que desejar abordá-lo durante as aulas de maneira diversa do que propuser o livro didático adotado pela escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Deyse Souza. Variedades linguísticas no âmbito educacional. **Cadernos da FUCAMP**, v. 6, n. 6, p. 129-134, jan./dez., 2007. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbeonline/obras.asp?autor=ALVES,+DEYSE+SOUZA>. Acesso em: 8 ago. 2024.

AMARO, Arliss. **Menino de 7 anos faz sucesso na internet com receitas e expressões regionais curiosas**. Record TV, Domingo Espetacular, 4 ago. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-TelgfOuSa/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007a.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

BARBOSA, Míriam Lúcia. **A importância da variação linguística (dialetos e registros) no ensino da Língua Portuguesa**. IV Congresso Nacional de Avaliação em Educação – CONAVE, Bauru, 24-26 out. 2016. Disponível em: <https://sgcd.fc.unesp.br/Home/conave/conavexxxx2015/a-importancia-da-variacao-linguistica-dialetos-e-registros-no-ensino-da-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BASTOLLA, Fernanda Falconi; SOUZA, Antonio Escandiel. **A importância da linguagem como uma prática social na formação docente em nível médio**.

XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Cruz Alta, 24-26 out. 2017. Disponível em: https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMI%20N%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAI%20S/P%20S%20GRADUA%20%20RESUMO%20EXPANDIDO_Ci%20ncias%20Sociais%20e%20Humanidades/A%20IMPORT%20ANCIA%20DA%20LINGUAGEM%20COMO%20UMA%20PR%20TICA%20SOCIAL%20NA%20FORMA%20CA.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum – versão final**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRITO, Regina Pires. Subsidies for a lusophone conceptualization. In: SANYAL, Sovon; FIGUEIREDO, Arizangela Oliveira; CAVALCANTE, Márcia V. (editores). **Portuguese Language in India and in other lands**. New Delhi: Adroit Publishers, 2018. P. 1-18.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: _____ (organizador). **Caderno de Formação: formação de professores e didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. V. 3. P. 34-49.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella; MACHADO, Júlio César. (organizadores). **Metodologias ativas: sequências didáticas**. São Paulo: FTD, 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **A hora e a vez do português brasileiro**. Palestra. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2017. Disponível em: <https://www.museuda-linguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Tradução de Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1980.

DALLARI, Pedro. Língua portuguesa e sua importância no mundo globalizado. **Jornal da USP**, 4 ago. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/lingua-portuguesa-e-sua-importancia-no-mundo-globalizado/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

DALLEMOLE, Jussara Maria Pettenon; OSÓRIO, Paulo; PATATAS, Maria de Jesus Carvalho. Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã. **LaborHistórico**, v. 4, n. 2): p. 104-134, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/23556/13149>. Acesso em: 3 ago. 2024.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. **Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades**. Acervo Digital UNESP, 6 jun. 2014. Disponível em:

https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

DETTONI, Rachel do Valle *et al.* Projeto de Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO). **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 807-833, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/jJPpRqqGs7Tg5nCjXcVK3GL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2024.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Helena Rodrigues Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2010. P. 95-128.

EDITORA MODERNA. **Compartilha EF Anos Finais - Língua Portuguesa - 6º Ano**. São Paulo: Editora Moderna, 2023.

EDUCA+BRASIL. **6º ano – Ensino Fundamental II**. Educa Mais Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/escolas/curso/6-ano-ensino-fundamental-ii>. Acesso em: 30 ago. 2024.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2017.

FRANÇA, François Rastier. Tem a linguagem uma origem? **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 1, p. 105-117, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v43n1/v43n1a13.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Português nordestino: para além das capitais. In: NUNES, Cícero Barboza; SILVA, Claudia Roberta Tavares. (organizadores). **A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais**. São Paulo: Pontes, 2021. P. 23-43.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Jan Edson Rodrigues. Fundamentos de Linguística. In: FARIA, Evangelina Maria Brito; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (organizadoras). **Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. V. 1. P. 171-232.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino – Fundamentos. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MENDONÇA, Pâmela Kelly Ripardo Barros. A história da Língua Portuguesa no Brasil e suas influências na ortografia. **Revista Evolução**, ano IV, n. 39, p. 55-65, abr. 2023. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/410/416>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MILANI, Sebastião Elias. **Relato de obra de Ferdinand de Saussure**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2016.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. A identidade adolescente e a variação linguística. **Polifonia**, v. 18, n. 23, p. 193-208, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/30>. Acesso em: 30 ago. 2024.

OLIVEIRA, Carlos Roberto; CORBANI, Clair Terezinha. **A variação linguística no contexto escolar brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – do Centro Universitário Internacional – UNINTER, Curitiba, 2021.

ROCHA, Maiane dos Santos; CORBANI, Clair Terezinha. **A variação linguística no Brasil e o preconceito que seus falantes enfrentam**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – do Centro Universitário Internacional – UNINTER, Curitiba, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEMANN, Eline Vânia. **Variação linguística na sala de aula**: uma proposta de sequência didática. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação do Campo) – da Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, Antonio Paulino. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, v. 10, n. 3, p. 260-285, set./dez.2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329494232_Lingua_e_Sociedade_influencias_mutuas_no_processo_de_construcao_sociocultural. Acesso em: 24 jul. 2024.

SIQUEIRA, Gisele Martins; AGUIAR, Maria Sueli. **Linguística histórica comparativa e formação do léxico da língua portuguesa**. II SINALEL –

Simpósio Nacional de Letras e Linguística, Catalão, 7-10 jun. 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/28.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SOARES, Eliane Pereira Machado; SANTOS, Douglas Afonso. (organizadores). **Heterogeneidade e ensino de língua sob a abordagem da Sociolinguística**. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2022.

SOUZA, Rafaela Martins. **“Certo” ou “errado”**: o ensino da variação linguística e a perpetuação do preconceito linguístico nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Português) – da Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

TELES, Jaçanan de Souza. **Ensino de Língua Portuguesa e variação linguística**: uma proposta de intervenção com o gênero cordel. Dissertação (Mestrado em Letras) – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2017.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VASCONCELOS, Joelson Menezes. A variação linguística no contexto escolar. **Revista Educação Pública**, v. 22, n. 21, p. 1-3, jun. 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/21/a-variacao-linguistica-no-contexto-escolar>. Acesso em: 11 ago. 2024.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Armed, 1998.

ANEXO 1: Capítulo de estudo sobre variação linguística (Estudo da Língua: linguagem, língua e variedades linguísticas) do livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental 2, Histórias de Hoje e de Sempre.

BNCC
EF69LP55
EF69LP56

Nas atividades da seção Estudo da língua, os alunos farão uma reflexão sobre a linguagem verbal e a não verbal por meio da leitura e da interpretação de uma tirinha, de um trecho de texto e da observação de imagens.

Se possível, faça com eles uma lista de situações e locais em que eles observam a presença das linguagens verbal, não verbal ou das duas.

1. a) Dar para sua mãe a flor que ele está admirando.

b) Ele acha a ideia boa. É possível perceber isso pela sua expressão de felicidade.

c) No 3º quadrinho. Ao pensar que seu amigo sapo ficaria triste por não ter mais a linda flor no ambiente em que vive, ele reconsidera sua ideia.

d) Armandinho decide levar a mãe até a flor. É seu modo de ofertá-la sem ferir a natureza.

e) O sapo e a mãe de Armandinho.

f) Todos os elementos não verbais (cores, formas e expressões corporais) narram a história de modo claro e linear: as expressões de felicidade, contentamento e preocupação de Armandinho; as expressões de alegria e tristeza do sapo; os balões de pensamento, que mostram a tomada de decisão e a reflexão posterior; e, no último quadrinho, o gesto dos braços, o sorriso e o olhar carinhoso para a mãe.



Estudo da língua

Linguagem, língua e variedades linguísticas

Conceitos iniciais: língua e linguagem

1. Leia esta tirinha do Armandinho.

ARMANDINHO







ALEXANDRE BECK



• **Converse com os colegas.**

- Armandinho, personagem principal da tirinha, tem uma ideia. Que ideia é essa?
- Inicialmente, o menino acha a ideia boa ou ruim? Em que você se baseou para dar essa resposta?
- Em qual quadrinho a ideia inicial não parece ser boa? Explique como você observou isso.
- No último quadrinho, Armandinho toma uma decisão. Que decisão é essa e por que ela parece solucionar o problema?
- Além de Armandinho, quais são as demais personagens dessa história?
- Como é possível compreender a história, apesar de não haver nenhuma palavra na tirinha?

2. Leia o trecho a seguir, retirado do livro *O guardião da chuva*, de Dailza Ribeiro.

No pasto, o gado também parecia feliz; os cavalos corriam e balançavam as crinas. Nos galinheiros, as galinhas subiram para os poleiros e cocoricavam sem parar. Os cães corriam atrás das crianças, latindo, como se eles também estivessem felizes. Nas janelas, as senhorinhas esticavam os braços para fora e prendiam a chuva na concha das mãos. Os homens conversavam nas calçadas, fazendo planos para a plantação.

O sorriso invadiu ruas, casas e corações. Era a esperança que voltava.

RIBEIRO, Dailza. *O guardião da chuva*. Rio de Janeiro: Bambolê, 2016. p. 21. (Fragmentol).

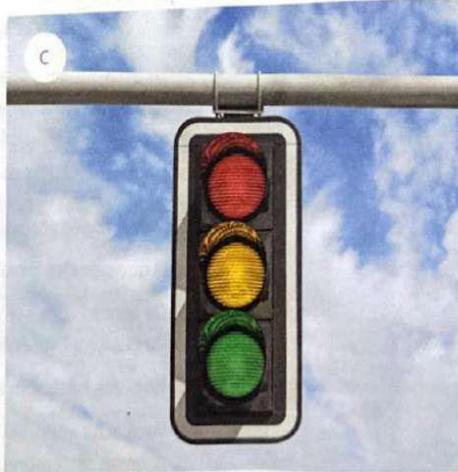
14 PORTUGUÊS

Histórias de hoje e de sempre

• Converse com os colegas.

- Qual é o sentimento predominante em todas as personagens que aparecem nesse trecho da história? Exemplifique sua resposta com passagens do texto.
 - Releia: "Nas janelas, as senhorinhas esticavam os braços para fora e prendiam a chuva na concha das mãos". O que esse gesto das senhorinhas pode indicar sobre a ocorrência de chuvas no local onde a cena se passa?
 - Identifique outra ação do texto que comprova sua resposta ao item anterior.
 - Essa história foi contada com o uso de palavras. Com que outra linguagem ela poderia ter sido apresentada?
3. Relacione as imagens às formas de comunicação. Para cada uma das formas, dê outros exemplos de comunicação.

A Gesto **B** Som e palavra **C** Cor **D** Expressão corporal e som





No trabalho com as variedades linguísticas regionais, é sempre importante reforçar que não há uma forma melhor ou mais correta de falar, mas sim uma variedade decorrente dos diferentes usos da língua e lugares onde ela é utilizada.



No documentário *Língua: vidas em português* (Brasil/Portugal, 105 minutos), lançado em 2004, o diretor moçambicano Victor Lopes investiga quais são os povos que utilizam a língua portuguesa, como o fazem e o que pensam dessa língua. Se julgar pertinente, assista a trechos do documentário com os alunos, de modo que possam refletir sobre a língua.



- O piauiês é uma forma de falar característica da região do Piauí.
- O clima no Piauí é muito seco e chove pouco; por isso, para as pessoas que moram nesse local, o tempo bom é quando há possibilidade de chuva, daí o uso da expressão "bonito pra chover".
- Resposta pessoal. Sugestão: *Minha rua faz xis com a sua.*
- Resposta pessoal.

Saiba +

O português é a língua oficial, ou uma das línguas oficiais, de nove países: Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Em cada um desses países, há palavras, maneiras de pronunciar e algumas formas gramaticais diferenciadas, mas todos eles têm em comum a língua portuguesa, falada por pelo menos parte de sua população.

Quando nos comunicamos, podemos usar várias formas de linguagem: empregando apenas imagens, como na tira do Armandinho, ou somente palavras, como no trecho de *O guardião da chuva*. Podemos ainda, na comunicação, fazer uso de som (um assobio, uma buzina etc.), de cor (o semáforo, as bolas no jogo de bilhar, entre outros), de gesto (sinal de "tchau" ou de "positivo", por exemplo), de expressão facial (um sorriso, uma piscada etc.) ou corporal (braços cruzados para indicar contrariedade, por exemplo). Há ainda a possibilidade de comunicação com a mistura de linguagens, como ocorre quando ouvimos uma canção em que estejam presentes letra e música.

Assim, ao nos comunicarmos, usamos a linguagem verbal, a linguagem não verbal ou, ainda, essas duas linguagens integradas.

A língua corresponde à linguagem verbal e é o tipo de linguagem mais empregado pelos seres humanos. Ela é constituída de dois elementos:

- o léxico, que é o conjunto de palavras da língua;
- a gramática, que é o conjunto das regras para a construção de palavras e frases na língua.

Variedades linguísticas

- No livro *Grande enciclopédia internacional de piauiês*, o escritor e jornalista Paulo José Cunha reuniu palavras e expressões típicas do Piauí. Leia os verbetes abaixo e responda às questões.

Bê-erre-o-bró — Os meses mais quentes do ano, todos terminados em BRO: setembro, outubro, novembro e dezembro.

Bonito pra chover — É o que se diz quando o céu anuncia a dádiva da chuva que faz brotar roças e espalha o verde nos pastos. Tempo feio, no Piauí, é o do sol que prenuncia a seca. Para nós, tempo bom é quando está bonito pra chover.

Empaiar — Ocupar, atrapalhar.

Xis com — Em diagonal com. Forma inteligente que o piauiense encontrou para ensinar um endereço.

CUNHA, Paulo José. *Grande enciclopédia internacional de piauiês*. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 2012. (Fragmento).



Converse com os colegas.

- O que significa "piauiês"?
- De acordo com o texto, que relação parece existir entre as condições climáticas do Piauí e a expressão "bonito pra chover"?
- Crie uma frase com a expressão "xis com".
- Você acha importante criar obras como essa, que registram a maneira como as palavras são empregadas em certo estado ou região do Brasil? Por quê?

No dia a dia, existem diferentes maneiras de usar a língua. Ela não é uniforme ou imutável: varia conforme os usuários a empregam.

As diferenças no vocabulário, na pronúncia, no modo como os usuários da língua combinam as palavras estão relacionadas a diversos fatores, como a faixa etária dos falantes, o nível de escolaridade, a região onde moram (como na atividade sobre o piauiês) e os grupos sociais a que pertencem. Chamamos essas diferentes maneiras de empregar a língua de variedades linguísticas.

Há variedades que são mais prestigiadas do que outras. Um exemplo são as variedades que aprendemos na escola e que são empregadas na maioria dos jornais, falados e escritos; nos livros teóricos; em documentos; em discursos; em palestras de modo geral etc. Essas variedades de mais prestígio seguem a norma-padrão de uso da língua, ou a gramática normativa.



Na escola ampliamos nosso conhecimento da gramática normativa, pois ela é exigida em vários momentos da vida social.

Saiba +

O internetês é a linguagem do meio virtual que tem como características principais: o encurtamento de palavras (pq, qq, blz); a eliminação de acentuação (eh, naum); a troca de dígrafos por uma única letra (aki, axo); a substituição de letras por números e outros símbolos (9da10, em lugar de "novidades").

A linguagem da internet ainda utiliza emoticons (elementos visuais construídos com os caracteres disponíveis no teclado) e emojis (pictogramas ou ideogramas representando uma palavra ou frase inteira).

Aproveite a leitura do boxe **Saiba +** para conversar com os alunos sobre o "internetês". Pergunte quais recursos eles costumam usar com mais frequência: o encurtamento das palavras, a troca de dígrafos por uma única letra, ou os emoticons e emojis. É uma oportunidade para que eles reflitam coletivamente sobre o uso da linguagem nas redes sociais.

Também é um momento oportuno para refletir sobre de que modo o uso dessa linguagem na internet compromete ou prejudica o conhecimento e o uso da norma-padrão.

Acontece na língua

Preconceito linguístico

Você já se perguntou por que nem todo brasileiro fala português do mesmo jeito? Não existem apenas sotaques ou palavras diferentes, mas também modos diversos de empregar a língua, dependendo da classe social, da idade, do nível de escolarização ou da região em que o falante mora. E isso acontece em todas as línguas — afinal, elas são vivas e por isso se modificam.

A própria gramática se modifica em função dos novos usos da língua. Algumas normas caem em total desuso e outras passam a vigorar.

Não aceitar um modo diferente de uso da língua é um ato de preconceito linguístico.

As diferenças existem porque toda língua apresenta variações. Não há uma forma de falar "melhor" que outra. A língua é expressão da cultura, da vivência, do estar no mundo de cada um e de todo um povo.

Na escola, aprendemos a variedade que segue a norma-padrão, de mais prestígio. Assim, podemos escolher, considerando as diferentes situações de uso da língua, a que for mais adequada.

Como em relação a outros aspectos culturais que marcam diferenças, é preciso respeitar as diferentes variedades da língua e combater no dia a dia o preconceito linguístico.



Varição linguística Multímedia

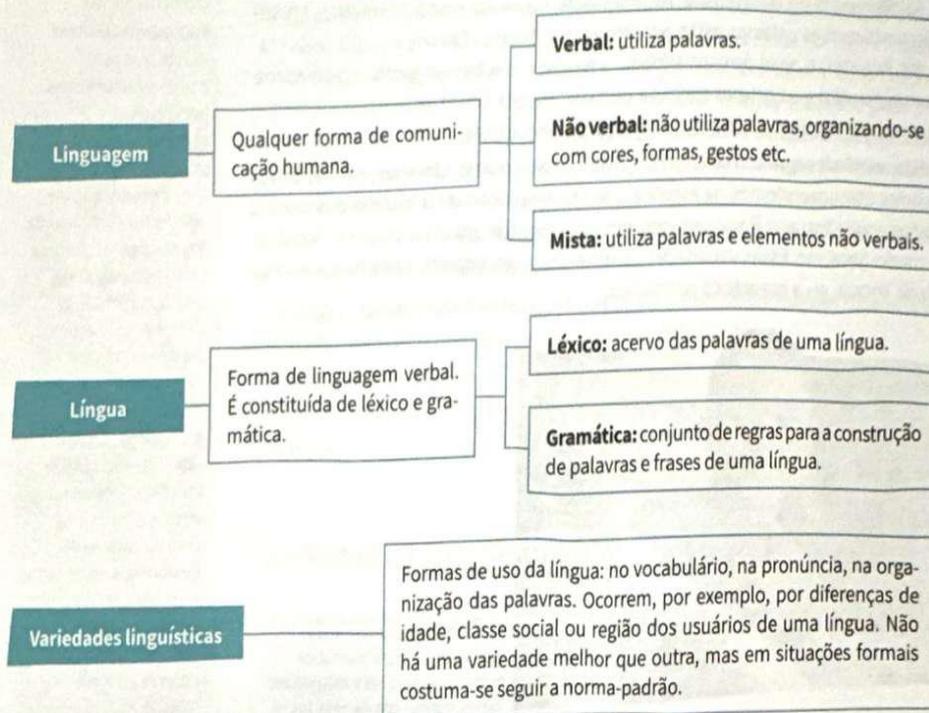
Histórias de hoje e de sempre PORTUGUÊS 17

Sobre variação linguística

Varição linguística é o fenômeno que abrange diferenças de pronúncia, emprego de palavras, construções sintáticas etc. que ocorrem na prática corrente de qualquer língua em um dado tempo, região, grupo social ou situação de comunicação. Cada diferente manifestação desse fenômeno recebe o nome de **variedade**. É importante sensibilizar os alunos para o tema, pois é provável que eles não tenham se dado conta até agora de o quanto a língua varia ou, se já o perceberam, provavelmente não refletiram, ainda, sobre os diferentes tipos de variação. Em geral, as variações na pronúncia (o sotaque) são mais evidentes e mais facilmente perceptíveis, mas o mesmo não ocorre com as variações lexicais e sintáticas. É importante dar início a um trabalho de sensibilização sobre a questão da variação linguística, não apenas para que os alunos possam compreendê-la, mas principalmente para, desde já, iniciar um trabalho de valorização das variedades linguísticas e respeito em relação a elas, a fim de evitar qualquer forma de preconceito linguístico.

Histórias de hoje e de sempre GUIA PARA O PROFESSOR PORTUGUÊS 17

Organizar o conhecimento



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

SIM

AINDA NÃO

AGORA, VOCÊ JÁ É CAPAZ DE...

- ... entender que língua e linguagem são conceitos diferentes?
- ... compreender que a comunicação não acontece apenas por meio da linguagem verbal e sabe justificar sua resposta com exemplos?
- ... perceber que não existe uma variedade linguística melhor que outra?

Se você marcou **ainda não** em algum item, de que maneira procuraria compreender melhor o assunto?

- Pesquisando na biblioteca.
- Buscando informações na internet.
- Pedindo ajuda ao professor ou a um colega.
- Relendo o conteúdo do módulo.

Atividades

1. Veja o cartaz produzido para a divulgação de um curso.



Cicem. Disponível em: <<http://mod.lk/facial>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

a) Esse cartaz apresenta:

- apenas linguagem verbal. linguagem verbal e não verbal.

b) Qual é a relação entre a foto e a finalidade do curso oferecido?

A foto serve para ilustrar o que as pessoas aprenderão no curso: compreender as expressões faciais.

c) Por que as palavras **emoção** e **medo** estão grafadas em vermelho?

A palavra "emoção" está em vermelho para dar destaque ao objetivo do curso. A palavra "medo" indica a emoção que a moça apresenta. A relação entre as duas palavras parece comprovar a tese de que é possível aprender quais emoções estão por trás de cada expressão facial.

d) O cartaz apresenta códigos que estão ligados por uma linha a cada parte do rosto da mulher. Por que esse recurso teria sido usado?

- Ele foi apresentado para convencer o leitor de que o curso é significativo.
 Ele tem a função de auxiliar o leitor a compreender as informações transmitidas.

e) Se o cartaz apresentasse apenas informações verbais, chamaria a atenção das pessoas da mesma forma? Justifique.

Talvez menos, pois a imagem integrada ao texto funciona como forma de convencer os interessados a acreditar que o conteúdo do curso será relevante.



A presença de aparente propaganda na seção se justifica de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 15/2000, que diz que "o uso didático de imagens comerciais identificadas pode ser pertinente desde que faça parte de um contexto pedagógico mais amplo, conducente à apropriação crítica das múltiplas formas de linguagens presentes em nossa sociedade, submetido às determinações gerais da legislação nacional e às específicas da educação brasileira, com comparecimento módico e variado".



Explique aos alunos que, de acordo com a norma-padrão, grafa-se *minicurso*.



1. d) Mostre aos alunos que o esquema indica que cada parte do rosto tem uma expressão com um significado próprio e que a leitura desse conjunto revela qual é a emoção de uma pessoa.

Atividades

2. Leia com atenção a tirinha a seguir e responda às questões.

CÓEGAS NO RACIOCÍNIO



a) Explique o que é autocombustão. Se for preciso, procure o significado dessa palavra no dicionário.

"Autocombustão" é a combustão ou queima espontânea de uma substância (ou seja, algo que pega fogo sozinho).

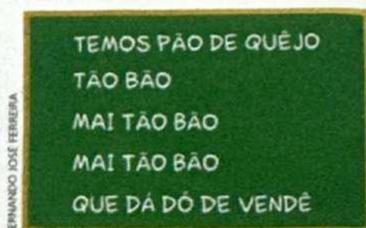
b) O que representa o desenho que aparece no último quadrinho?

A personagem transformada em cinzas.

c) Explique por que, nesse caso, a linguagem não verbal é mais adequada para explicar o que é autocombustão.

O desenho de um monte de cinzas (linguagem não verbal) é mais expressivo do que um balão de fala (linguagem verbal) com a personagem explicando o termo.

3. Leia a placa encontrada na entrada de um estabelecimento.



a) O comerciante afirma que tem dó de vender o pão de queijo. Por quê?

O pão de queijo é tão gostoso que o vendedor talvez sinta vontade de comer em vez de vender.

b) A linguagem usada na placa:

segue a norma-padrão.

não segue a norma-padrão.

• Circule, na placa, exemplos que comprovem a sua resposta.

c) Você imagina por que essa variedade linguística foi empregada?

Resposta pessoal. Talvez para caracterizar o falar próprio de algumas regiões do estado

de Minas Gerais, onde a receita do pão de queijo é típica.

d) Se quem escreveu a placa a reescrevesse de acordo com a norma-padrão, haveria o mesmo efeito de sentido?

Não, pois não seria possível reconhecer o falar mineiro.

4. Leia a tira a seguir.

NÍQUEL NÁUSEA



FERNANDO GONSALES

a) Narre a história representada na tira.

Um corvo deixa de comer uma semente de milho imaginando que, se a plantar, terá uma espiga.

Ao ver o milho brotar e se transformar em espiga, imagina que ela poderá se transformar em várias espigas. O milharal cresce, mas, de tanto esperar, o corvo acaba morrendo.

b) Como a passagem do tempo foi indicada na tirinha?

A passagem do tempo foi indicada por elementos não verbais: o aparecimento da espiga, do milharal cheio e do esqueleto do corvo.

c) Nessa tira, o humor depende:

- da linguagem não verbal.
 da linguagem verbal.
 tanto da linguagem verbal como da não verbal.

• Justifique sua resposta.

As falas do corvo expressam sua expectativa em relação ao que pode obter com a semente e a espiga. Contudo, no último quadrinho, a inesperada representação do esqueleto da personagem surpreende o leitor e torna a tira divertida.



3. d) É recomendável que você destaque a expressão efeito de sentido e garanta que os alunos compreendam seu uso na pergunta. Ajude-os a entender que o uso de determinadas palavras num texto causa no leitor (ou no ouvinte, em caso de textos orais) um efeito. Esse efeito se relaciona com a intenção de quem escreve (ou fala), ou seja, com aquilo que o autor quer provocar no interlocutor.

4. Observe que nessa tira de Fernando Gonzales os balões de fala contribuem para a compreensão das intenções do corvo.

Poderá ser um excelente exercício para os alunos imaginar os dois primeiros quadros sem o texto verbal. Que elementos visuais precisariam estar nas cenas para que fosse possível inferir a ambição do corvo? As palavras encurtam o caminho da comunicação, mas é possível prescindir delas ampliando as informações visuais, como balões de pensamento com o "desejo" do corvo. Lembre-se de que Alexandre Beck usou esse recurso na tirinha que se encontra na página 14.

5. Leia o texto a seguir.



Fala sério, a vida te reserva tantas coisas manéiras que, cara, é lance você guardar isso — não só na memória, mas tipo assim, escrevendo mesmo. A partir de hoje eu vou ter mais esse grande amigo na minha vida, que é você, Diário.

Mas, cara, é muito formal, eu vou te chamar de Di, afinal de contas, é superfofo você ter “apelidinhos” para seus amigos mais íntimos. E com você, Di, eu vou me abrir completamente, tenho certeza que você vai ser meu grande amigo e que você vai me compreender sempre.

Coisa difícil, pois raramente as pessoas compreendem os adolescentes. Nem pai nem mãe compreendem às vezes. Minha mãe então, nem se fala... É a incompreensão em pessoa. Bom, é verdade que eu também às vezes falo demais e minha mãe não é tão sinistra quanto eu falo, tem mães muito piores por aí. O que eu diria da minha mãe é que ela é mãe. Aquela coisa de “não sair sem arrumar o quarto”, “já estudou?”, “se não fez isso vai ficar de castigo”...

Pensando bem, na boa, estou tentando aliviar o lado dela, mas não dá não...

A verdade é que mãe é sempre chata, mas a verdade também é que a gente não vive sem elas. Se eu passo dois dias sem ver minha mãe, cara, fala sério, eu já fico morrendo de saudade, mas em compensação, depois que eu encontro, em dois segundos eu já matei a saudade, porque com certeza ela já vem com alguma coisa pra me encher a paciência, ninguém merece.

PÉRISSÉ, Heloisa. *O diário de Tat*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 5-6. [Fragmento].

Lembre-se

A **linguagem formal** é usada quando falamos com uma autoridade, na escola ou no trabalho, ou quando escrevemos documentos oficiais e cartas para pessoas com quem temos pouca intimidade. Já a **linguagem informal** é usada com amigos e familiares, em cartas, bilhetes etc. Nesse caso, podem ser usadas gírias e expressões populares.

a) Nesse texto, quem faz o relato é provavelmente uma personagem:

- criança.
 adolescente.
 adulta.

b) A quem essa pessoa se dirige?

Ela se dirige ao próprio diário.

c) A linguagem empregada no texto é formal ou informal? Nesse contexto, você acha que o uso dessa linguagem é adequado? Por quê?

Informal. Espera-se que os alunos respondam afirmativamente, já que se trata de uma situação de uso bastante informal da língua.

Situações de uso formais e informais

De forma geral, os dicionários registram que a ideia de formalidade está ligada àquilo que não é espontâneo, ou seja, é convencionalizado, segue regras, é grave, sério, oficial ou protocolar, próprio de ocasiões solenes, cerimoniosas; enquanto a informalidade ocorre em situações mais espontâneas, familiares ou domésticas. Além da pergunta feita na atividade 5c, peça aos alunos que apontem outras situações de uso da língua que exigem certo grau de formalidade, como dirigir-se a uma pessoa mais velha desconhecida, pedir informações a uma autoridade, manifestar-se em um tribunal etc., e aquelas em que a informalidade é aceita (e até mesmo esperada), como jogar conversa fora com velhos amigos, dirigir-se a familiares ou desconhecidos que tenham a mesma idade etc. Em geral, é possível dizer que a formalidade está mais presente nos gêneros textuais que pertencem ao campo de atuação da vida pública (como as cartas de reclamação, a petição, a tese acadêmica etc.) e a informalidade é aceita nos gêneros textuais próprios do campo da vida cotidiana (como o diário pessoal, a agenda, as listas, os bilhetes, recados, avisos, cartas etc.).

d) Muitas das palavras e expressões empregadas no texto são gírias. Relacione as gírias abaixo com o sentido com que foram empregadas no texto.

- | | |
|----------------------|-----------------------------|
| I. Fala sério. | III. É legal. |
| II. Maneiras. | VI. Sem problemas. |
| III. É lance. | I. Preste atenção. |
| IV. Tipo assim. | II. Legais. |
| V. Sinistra. | VII. Minimizar o problema. |
| VI. Na boa. | IV. Por exemplo. |
| VII. Aliviar o lado. | V. Má; complicada; difícil. |

e) No lugar em que você vive, são empregadas essas gírias? Se não são, que outras gírias você usaria para expressar as ideias da personagem?

6. Leia o infográfico a seguir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tentar, experimentar e tentar de novo
Já que ninguém nasce pronto, comece de alguma forma a experimentar, tentar e inventar. O caminho que você trilha para chegar a algum resultado é o melhor aprendizado.

Se ligue nos exemplos
Além das inspirações, as referências ampliam o seu repertório. Estude como os seus artistas preferidos se expressam e para encontrar sua própria forma de expressão.

1% inspiração, 99% transpiração
Não desanime! Aprimorar e dominar uma técnica artística pode ser desgastante. Mas a persistência e a repetição aprimoram o seu resultado e sua performance.

Exercite sua sensibilidade.
Tudo que te cerca pode virar inspiração e se transformar em criação e arte. Registre suas ideias em caderninhos, grave no celular, em um bloco de notas.

+Meditação +criação
Quanto mais relaxamos internamente, mais felicidade trazemos para o que fazemos. E isto é importante para abrir a consciência e a criatividade.

Já despertou seu lado artístico e criativo hoje? Vale escrever, bordar, tocar, desenhar, cantar ou qualquer outra coisa que você goste!

Deixe a vergonha de lado!
Escute as críticas, avalie sua evolução, peça ajuda, opiniões, questione. Sua expressão é uma maneira de mostrar o seu talento e deixar sua assinatura para o mundo.

MAIS ARTE PRA SUA VIDA

MARCELO BRANCO/CONRADO

Mais arte para a vida.
Disponível em:
<<http://mod.lk/OeDl3>>.
Acesso em: 6 jan. 2020.



6. c) Ajude os alunos a perceber que, de acordo com a norma-padrão, nenhuma frase deve começar com pronomes oblíquos.

Reveja na página 23 outras ocorrências de desvios da norma-padrão.

7. Se possível, estabeleça relações entre o trabalho de coleta das expressões regionais pelos alunos com o da coleta de narrativas orais, como a que foi lida no início do módulo. Esses registros são muito importantes para a manutenção da cultura popular.

As "pequenas enciclopédias" podem ser expostas na sala, para que todos os alunos possam vê-las e trocar impressões sobre elas. Apesar de o módulo não explorar o gênero verbete de enciclopédia (assunto do módulo **Representatividade importa**), alunos do 6º ano certamente já tiveram contato com esse gênero e poderão elaborar verbetes que apresentem as características respectivas ou ao menos que se aproximem delas. É importante lembrar, porém, que o foco desta atividade é a pesquisa a respeito das variedades linguísticas, e não a produção do verbete.

Atividades

- a) Qual é o objetivo principal desse infográfico?

Incentivar as pessoas a desenvolver seu lado artístico dando dicas para não desistir e para se aperfeiçoar.

- b) De que forma a imagem central contribui para reforçar esse objetivo?

A paleta de pintura é um símbolo das artes e relaciona-se com a ideia de desenvolvimento do lado artístico do leitor.

- c) Leia estas frases retiradas do infográfico e assinale a que não atende a uma regra da norma-padrão.

"Exercite sua sensibilidade"

"Deixe a vergonha de lado"

"Se ligue nos exemplos"

- d) Você imagina por que o autor do texto escreveu essa frase usando linguagem informal?

Resposta pessoal. Provavelmente, para deixar o texto mais atual e descontraído.

7. Você conhece alguma expressão típica da região onde mora? Converse com seus familiares e anote as informações que obtiver.

- Depois, reúna-se com um colega e componham uma "pequena enciclopédia de regionalismos" de sua cidade ou de seu estado. Sigam as instruções abaixo.

- A enciclopédia deverá apresentar quatro palavras ou expressões características da região onde moram, acompanhadas dos respectivos significados.
- Cada aluno ficará responsável por duas dessas palavras ou expressões.
- Se possível, pesquisem em livros impressos ou na internet a história dessas palavras ou expressões (onde e como surgiram, as razões pelas quais foram criadas ou adotadas, entre outras informações) para enriquecer o trabalho de vocês.
- Se necessário, peça ajuda aos professores de História, Geografia ou Ciências para explicar algum fato ou assunto referente a essas palavras ou expressões que se relacionem com essas disciplinas.
- Para que o trabalho fique bem organizado e "arejado", usem uma folha para escrever ou digitar cada verbete (palavra ou expressão) e sua respectiva definição. Dependendo da quantidade de informações que vocês conseguirem, podem ser apresentados dois verbetes em cada folha.
- Se acharem interessante, ilustrem o trabalho com desenhos ou fotos relacionados ao assunto desenvolvido em cada verbete.
- No dia marcado pelo professor, a dupla apresentará à classe o resultado de sua pesquisa.
- No final, vocês poderão montar uma enciclopédia de toda a classe, avaliando o que manter nos casos de coincidência de palavras ou expressões.
- Façam uma capa para a enciclopédia usando uma foto ou um desenho de alguma manifestação cultural da região.

ANEXO 2: O falar catarinense do influenciador digital mirim



**olhe tô lagartiando aqui
com a famiagem**





**e ó não podemos
desacorçoar!**